



Opinião Econômica

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP



Por que os juros caíram tanto com o resultado da eleição?

Preços financeiros refletem só uma chance um pouco maior de juros civilizados nos próximos anos

Seguindo o resultado das eleições, a taxa de juros nos títulos que vencem em dez anos caiu de 14% para 13% ao ano, uma queda enorme. Na mesma toada, o dólar despencou e a Bolsa disparou.

Essas grandes mudanças nos preços financeiros refletem expectativas de que um governo de Flávio Bolsonaro reduziria o déficit fiscal, abrindo espaço para juros menores.

Essas expectativas fazem sentido? A campanha de Flávio Bolsonaro fala em cortes nos gastos de 1,5% do PIB, mas as medidas discutidas ou anunciadas não chegam nem perto disso.

Vejamos.

As taxas de juros de longo prazo foram de estratosféricas para muito altas. Os preços finan-

ceiros refletem não uma certeza de grande ajuste de contas, mas uma chance maior de que os juros cheguem a níveis civilizados nos próximos anos.

A comparação é entre as políticas macroeconômicas de um eventual governo de Flávio Bolsonaro e as de um próximo governo de Lula. Sem Fernando Haddad na Fazenda e com Aloizio Mercadante (provavelmente) no BNDES, é difícil esperar que o Lula 4 seja fiscalmente mais responsável que o Lula 3. Então, chances razoáveis de ajustes com Flávio já levariam a expectativas de juros bem menores.

Ajustes fiscais substanciais requereriam medidas como desvincular benefícios do salário mínimo, mexer de novo na Previdê-

dência e eliminar ou reduzir exceções à regra fiscal. Nada disso está sendo discutido - e não será até a eleição. Só nos resta tentar entender como pensam candidatos e seus assessores econômicos.

Daniella Marques, que aparece como principal assessora econômica de Flávio Bolsonaro, é muito ligada a Paulo Guedes, ex-ministro da Economia de Jair Bolsonaro. Adolfo Sachsida, um dos principais formuladores do programa econômico de Flávio, foi secretário de Política Econômica de Jair Bolsonaro. Então, a conduta da política macroeconômica no governo anterior nos fornece pistas importantes.

O governo Bolsonaro começou em 2019 cortando gastos. Houve a reforma da Previdência

e alguns outros cortes, levando a uma situação fiscal significativamente melhor. Porém, a partir do segundo semestre de 2021, o governo aumentou bastante suas despesas. Então, o desempenho passado indica um misto de austeridade no início com ganância no fim.

A parte fiscal importa, mas as taxas de juros dependem muito de outras medidas, que estimulam ou travam o crédito. O governo Lula 3 estimulou o crédito de várias formas (BNDES, Peac, Desenrola, Crédito do Trabalhador). Como já discuti em colunas anteriores, essas medidas levam a uma taxa de juros básica maior, pois o Banco Central busca manter a demanda agregada no nível consistente com a meta

de inflação.

O BNDES do governo Bolsonaro 1 foi bastante comedido no início, emprestando menos e devolvendo dinheiro ao Tesouro. Mas, em 2022, os desembolsos do BNDES saltaram para cima. Na comparação com as expectativas de um BNDES comandado por Mercadante, é razoável esperar menos crédito direcionado em um governo de Flávio Bolsonaro.

Por fim, Flávio vai ter mais facilidade para aprovar medidas no Congresso.

Com isso tudo, é razoável atribuir uma probabilidade maior a medidas que levem a juros mais baixos num eventual governo Bolsonaro 2. Lula, infelizmente, não deixou expectativas boas nessa área para um quarto mandato.



Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas:
Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:




Banco Mundial vê IA e reformas para acelerar crescimento na América Latina

/CONJUNTURA

O Banco Mundial afirmou ontem que países da América Latina e do Caribe com políticas macroeconômicas consistentes, instituições mais fortes e reformas estruturais vêm mostrando que a região pode crescer acima da média, apesar de um cenário ainda marcado por juros altos e incerteza global.

Na atualização de outubro do relatório econômico para a região, a instituição destacou El Salvador e Paraguai, apoiados por melhoras nas condições de segurança, consolidação fiscal e investimento privado.

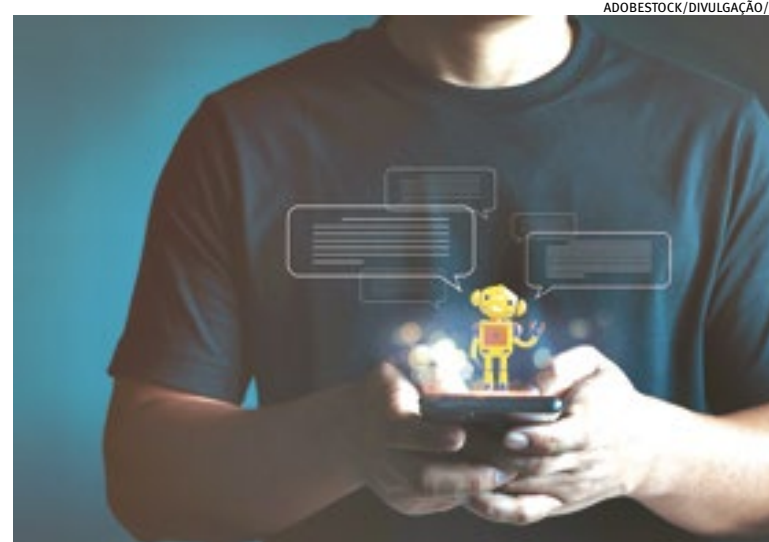
Panamá e República Dominicana também sustentam expansão robusta, enquanto a Argentina deve crescer por três anos consecutivos entre 2025 e 2027, pela primeira vez em quase duas décadas, com apoio do ajuste fiscal, de reformas tributárias e de maior abertura econômica.

O documento também aponta a inteligência artificial (IA) como

possível vetor de produtividade, mas ressalta que a adoção ainda é superficial. Cerca de 17% dos adultos em idade ativa na região usam ferramentas de IA generativa, aproximadamente metade da taxa observada nos EUA e no Canadá. Segundo o Banco Mundial, as principais barreiras não são custo ou acesso, mas capacidade gerencial, qualificação da mão de obra e reorganização das empresas.

A instituição estima que cerca de 8% da força de trabalho esteja em ocupações qualificadas que podem ser potencializadas pela IA, enquanto perto de 10% atua em funções cognitivas rotineiras mais expostas à automação. Em uma segunda etapa, a queda do custo da automação física pode atingir cerca de um quarto dos trabalhadores em funções manuais rotineiras.

Entre os riscos, o Banco Mundial cita volatilidade dos preços de energia, dívida elevada, juros reais altos e possíveis impactos do El Niño sobre agricultura



Instituição manteve projeção de crescimento de 2,2% para a região

e geração hidrelétrica. Ao fim, manteve em 2,2% a projeção de crescimento da América Latina e do Caribe em 2026, após 2,4% em 2025.

O Banco Mundial manteve ainda em 2,2% a projeção de crescimento da América Latina e do Caribe em 2026, mesma estimativa divulgada em junho. Segundo a instituição, o desempenho, pou-

co abaixo da expansão de 2,4% registrada em 2025, mostra que a região tem demonstrado resiliência na absorção de choques externos. O cenário é sustentado por preços de commodities ainda elevados, que beneficiam países exportadores, e pela resistência das exportações industriais mesmo diante da volatilidade da política comercial.

Previsão de alta do PIB em 2026 vai de 1,9% para 2,1%

O Banco Mundial elevou a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2026 para 2,1%, de 1,9% na estimativa anterior, divulgada em junho, mas reduziu a projeção para a expansão da economia em 2027 de 2,0% para 1,7%. Para 2028, a previsão aumentou de 2,2% para 2,3%.

A instituição diz que o Brasil está crescendo perto ou abaixo da média regional, com a atividade sendo limitada pelas condições restritivas da política monetária - necessárias, segundo a instituição, para reduzir a inflação.

A incerteza sobre políticas e a redução do impulso fiscal também afetam o crescimento brasileiro. "As condições monetárias apertadas pesam sobre a demanda doméstica, enquanto o mercado de trabalho ainda forte continua a oferecer algum suporte", disse o Banco Mundial.